

# Um suspiro para revelar a esperança

DF - anexo

AUGUSTO RIBEIRO JÚNIOR

Brasília sediou nos últimos cinco dias o Fórum Nacional do Cinema e do Audiovisual. O evento ocorreu dentro da programação do 25º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro e foi prestigiado pela presença dos ministros Gustavo Krause, Antônio Houaiss e Paulo Haddad.

Tendo em vista a situação emergencial e grave do setor, foram definidas, na ocasião, algumas diretrizes consensuais para o relançamento urgente dessa atividade.

Mas não é só. O cinema, o vídeo e a televisão são os olhos, os ouvidos e a voz de uma nação. Um país sem uma política séria, sadia e democrática para o audiovisual é como um corpo deficiente de fala, audição e visão.

Nenhum país contemporâneo logrou desenvolver-se plenamente sem uma atenção inteligente, ao nível da

JORNAL DE BRASÍLIA 1\* DEZ 1982

sua estratégia, para essa indústria essencial e sensível.

No Brasil, investiu-se pesado numa infra-estrutura de telecomunicações, numa escala que representa hoje algo em torno de 25% da nossa dívida externa. A sociedade brasileira está sofrendo muito para pagar o alto custo financeiro desses investimentos.

Que benefícios sócio-culturais está recebendo como retorno por este grande sacrifício? As grades de programação servem aos interesses do público? O "mercado", esse mito e tótem de um liberalismo de algibeira, tem servido apenas ao marketing dos grandes grupos financeiros ou ainda mais precisamente, às suas elites dirigentes? Como fica a grande maioria que, afinal, paga o preço de todo esse complexo?

Vejamos alguns dados: a indústria cultural e a do turismo são as duas ati-

vidades econômicas que mais faturam no planeta, respondendo juntas por quase um terço da produção global de riquezas.

Estou falando da cultura e do turismo, pois, em todo o mundo, as duas atividades andam juntas. Entre nós? O que estamos fazendo com o nosso riquíssimo patrimônio artístico, cultural e até mesmo ecológico?

Estamos sentados sobre verdadeiras minas de ouro enquanto deixamos nossas crianças morrerem de fome.

A crise brasileira é sócio-cultural e a saída para ela não está apenas nas obras de saneamento e nas cestas básicas como nos quer impor uma certa associação de tecnoburocratas, frios e distanciados, com políticos fisiológicos e demagogos.

A saída estará, mais provavelmente, no triângulo cultura, ecologia e turismo. E a nossa perspectiva é crucial:

ou a solução ou a convulsão social, como bem nos apontou o presidente Itamar Franco.

Mas, apesar dessa crise, tenho esperança! Não posso deixar de ter esperança quando vejo um intelectual ilustre e respeitável como o ministro Antônio Houaiss tomar posse estabelecendo como prioridades o cinema e recuperação do nosso patrimônio histórico, artístico e cultural.

Tenho muita esperança quando vejo o Presidente da República perguntar, como se fora, ele próprio, o mais simples dos nossos trabalhadores: "Por que os salários não são valorizados no mesmo ritmo das tarifas públicas?".

Acho que estou mesmo é respirando esperança.

■ **Augusto Ribeiro Júnior** é cineasta e coordenador do Fórum Nacional do Cinema e do Audiovisual.